

O TEATRO COMO ARTE MARCIAL: O PROJETO DANDARA NA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Alexandre Santiago da Costa¹

RESUMO

O presente trabalho visa discutir como o *Projeto Dandara: narrativas teatrais antirracistas*, um projeto de extensão da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) tem implicações no letramento racial de estudantes e egressos do Curso de Pedagogia participantes do projeto. A partir do Teatro-Educação atrelado à Educação para as Relações-Étnico-Raciais (ERER), o projeto constrói formações e espetáculos cênicos baseados na cultura e estética afro-brasileira. O presente artigo tem metodologia qualitativa do tipo participante e análise de três categorias. O referencial teórico se baseia nos estudos de bell hooks (2013), Ribeiro (2019), Cavalheiro (2024), Simas e Rufino (2019), entre outros. O Projeto Dandara pressupõe a ampliação dos repertórios de estudantes de Pedagogia e das crianças em relação à literatura infantil negra, especialmente na perspectiva do letramento racial, uma porta de entrada para uma discussão que promova a reflexão e o diálogo na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Palavras-chave: Teatro-educação; Letramento racial; Docência.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how the Dandara Project: Anti-Racist Theatrical Narratives, an outreach project from the Faculty of Education at the Federal University of Ceará, impacts the racial literacy of students and graduates of the Pedagogy course who participate in the project. Based on Theatre-Education combined with Education for Ethnic-Racial Relations (ERER), the project develops training activities and theatrical performances rooted in Afro-Brazilian culture and aesthetics. This article adopts a qualitative, participatory methodology and analyzes three main categories. The theoretical framework is grounded in the works of bell hooks (2013), Ribeiro (2019), Cavallheiro (2024), Simas & Rufino (2019), among others. The Dandara Project seeks to expand the repertoire of Pedagogy students and children regarding Black children's literature, particularly from the perspective of racial literacy – an entry point for promoting dialogue and reflection aimed at building a more just, democratic, and inclusive society.

Keywords: Racial literacy; Theatre-education; Teaching.

¹ Alexandre Santiago da Costa. Doutor em Educação Brasileira (PPGE-FACED-UFC). Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Atua nas áreas da arte-educação, ludicidade e Didática. Coordena o Projeto Dandara: narrativas antirracistas.

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, tem que ser antirracista.

Angela Davis

Percebemos, na potência da arte, e em específico no teatro-educação, especialmente na perspectiva alinhada ao afroletramento, a necessidade da formação de educadores, especialmente os da primeira infância, alinhados a desenhos metodológicos e formativos que promovam a reflexão e o diálogo na construção de uma sociedade mais justa, democrática, inclusiva e antirracista. O letramento racial e o afroletramento partem do entendimento de que a formação do educador vai além da dimensão das habilidades e competências pedagógicas, reconhecendo que o processo de letramento racial e o afroletramento envolvem o desenvolvimento de habilidades críticas de análise e reflexão sobre questões relacionadas à raça e à identidade racial. O letramento racial crítico torna-se uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e promover o respeito e a valorização das diferenças raciais a partir do contexto educativo.

Neste artigo temos como objetivo central discutir acerca do *Coletivo Dandara: narrativas teatrais antirracistas*, projeto de extensão do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) que atravessa a formação antirracista e o letramento racial de estudantes/bolsistas ao longo de sua formação acadêmica. Tentamos tensionar as reflexões a partir de algumas questões: como o teatro-educação e a arte podem contribuir com o letramento racial de estudantes do Curso de Pedagogia? Quais estratégias formativas decoloniais/contracoloniais podem ser delineadas para uma formação afrorreferenciada e antirracista do educador de crianças?

Diante de um cenário educacional repleto de transformações e desafios, é cada vez mais necessário realizar mediações e vivências que possibilitem às crianças se reconhecerem como sujeitos ativos e participantes diante da diversidade existente na sociedade em que vivemos. O racismo é uma prática que silencia, que cala, amedronta, e, se não for desmascarado, enfrentaremos sérios problemas que perpassarão gerações e atravessarão vidas. A escola pode ser um espaço de diversidade e inclusão, possibilitando o contato com as diferenças, a reflexão e o reconhecimento de si e de suas limitações. Diante da observação da realidade, da

minha história de vida no tocante à minha escolarização e de minhas experiências profissionais, surgiu o desejo de pesquisar sobre tal temática.

O teatro me salvou! Aos quinze anos entrei para uma companhia de teatro infantil que mudou completamente minha vida pessoal e profissional. Por conta do teatro, fui cursar Pedagogia e trilho hoje os caminhos da arte-educação. Cursei o Mestrado em Artes na Universidade Federal da Bahia, onde investiguei o teatro-educação em periferias de Salvador. Já como docente universitário, minha experiência na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: Séries Iniciais, trouxe-me falas racistas das crianças e dos docentes da educação básica que me mobilizaram a criar o Projeto Dandara. O Dandara nasce com essa demanda formativa antirracista de educadores para a primeira infância. Evoé! É o teatro, como fala Augusto Boal, como arte marcial.

O RACISMO E A CRIANÇA

Nomear e identificar o racismo são ações fundamentais para combatê-lo. Ter consciência deste problema nefasto é crucial, porque o racismo estrutural que está presente em escolas, restaurantes, campos de futebol, enfim, em todos os lugares. Devemos, pois, entender sua lógica. Segundo Almeida (2020, p. 20), “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo”.

Não devemos nos calar, pois esse problema afeta diariamente a população negra. Licál (2024, p. 15) assim se expressa: “[...] não deixemos que o racismo atinja nenhuma criança. As crianças negras precisam que suas infâncias sejam preservadas e acolhidas nas suas singularidades”.

O racismo assola a vida de todas as pessoas negras. Esse fenômeno perverso, estrutural e estruturante, faz-se presente desde o passado colonial e escravocrata brasileiro até os tempos de hoje, marcados pelo capitalismo monopolista, neoliberalismo, empobrecimento, ataques à democracia, aos direitos, às ciências e à educação, vindos de governos autoritários e do acirramento das desigualdades de toda ordem (Licál, 2024, p.39).

Para Kabengele Munanga (1996, p. 34), “[...] o racismo atribui a inferioridade a uma raça e está baseado em relações de poder, legitimadas pela cultura dominante”. Ou seja, o racismo fere, ataca e silencia pelo viés cultural e econômico. Cabe às instituições desenvolver ações e práticas antirracistas que construam uma cidadania plena para o negro. A escola tem um papel extremamente importante na formação e identidade da criança e do jovem.

Como diz Djamila Ribeiro (2019, p. 17) em seu livro *Pequeno manual antirracista*, “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direito, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”. O racismo tem caráter estrutural quando é parte da estrutura social, está enraizado na formação da nossa história e na história das classes sociais.

As pesquisas sobre as relações étnico-raciais questionam situações de racismo vivenciadas pelas crianças que muitas vezes ficam camufladas nas escolas pelo falso discurso de que existe democracia racial no Brasil. Para Abdias do Nascimento (1983, p. 28),

A democracia racial constitui um instrumento de hegemonia branca brasileira que mascara um processo genocida, constituindo uma fachada despiadada que oculta e disfarça a realidade de um racismo tão violento e destrutivo quanto aquele dos Estados Unidos ou da África do Sul. [...] Não se resolvem problemas utilizando-se o método de aveSTRUZ: o método de ignorar a realidade concreta metendo a cabeça na areia.

O mito da democracia racial descreve uma sociedade onde não há racismo, e todas as pessoas são tratadas de forma igual e têm acesso aos mesmos direitos e oportunidades. Bento (2022, p. 43) fala do pacto da branquitude no Brasil que não leva em consideração as interseccionalidades que reproduzem as desigualdades de classe, gênero, raça e idade da população negra. A ausência de um debate social, condicionado a uma visão limitada do preconceito e à percepção do racismo por parte das crianças, está ligada à estratégia da democracia racial brasileira, tão aclamada por parte da branquitude intelectual brasileira.

A identidade étnico-racial é outro tema polêmico quando falamos das relações raciais no Brasil, dado que o mito da democracia racial, a ênfase na miscigenação, o racismo e a hierarquização dos grupos a partir da cor da pele foram utilizados para desestimular a afirmação da identidade, sobretudo de grupos historicamente discriminados – negros e indígenas. No entanto, a

produção de dados com recorte de raça/cor é primordial para identificar as desigualdades e criar políticas públicas que visam a mitigá-la (Bento, 2022, p. 43).

Contudo, é necessário, desde cedo, que haja uma contínua articulação entre pesquisas, práticas pedagógicas e comunidades, no sentido de produzir conhecimento crítico acerca das infâncias negras e relações étnico-raciais, contribuindo para a construção de uma identidade dos sujeitos diante da diversidade de classe, raça, gênero e orientação sexual.

Em meio a tantas mudanças, lutas e movimentos sociais, a arte também sofreu e vem sofrendo modificações e mudando de acordo com o contexto e a realidade na qual estamos inseridos. Com seu poder contracolonial, como nos fala Nego Bispo (2023) e Luiz Rufino (2019), ela pode ser usada como ferramenta de transformação e contribuir para a formação da identidade étnico-racial de nossas crianças.

O educador de crianças precisa entender seu papel na luta antirracista e seus contextos de atuação frente ao racismo. O racismo se perpetua no currículo que forma a criança, o currículo oficial e o oculto. Durante muitas décadas, negros e negras foram retratados nas histórias infantis como figuras ingênuas, escravos servis, desempregados, sempre de forma negativa. Esses estereótipos são transmitidos por meio da linguagem verbal e não verbal, através das ilustrações dos livros, por exemplo. O preconceito racial, portanto, aparece no currículo e de maneira camouflada, contribuindo para a formação de identidades de negros e não negros.

Hall (2002) aborda a construção da identidade por meio de duas dimensões: sujeito visto de modo individualista e sujeito sociológico. O sujeito sociológico se forma a partir das interações entre o eu e a sociedade, as pessoas são mediadoras de valores, de rituais sociais e da subjetivação do sujeito. A escola e o currículo são vetores cruciais na construção de uma sociedade racista e opressora, ou inclusiva, justa socialmente e verdadeiramente democrática. Portanto, nossas identidades se constroem a partir de uma complexa interação com a sociedade e seus vários fatores simbólicos, culturais e vinculados à subjetivação do sujeito.

Diante deste contexto social, como a arte e o teatro podem colaborar na formação dos educadores de crianças num desenho formativo profissional, afrorreferenciado e compromissado com seu letramento racial?

O teatro como arte marcial no combate ao racismo

(...) vocês viram e ouviram
E viram o que é comum
O que está sempre ocorrendo.
Mas a vocês nós pedimos:
No que não é de se estranhar
Descubram o estranho!
No que parece normal
Vejam o que há de normal!
No que parece explicado
Vejam quanto não se explica!
E o que parece comum
Vejam como é de espantar!
Na regra vejam o abuso
E, onde o abuso apontar
Procurem remediar! (Brecht, 1957, p.160, p.70)

O teatro constituiu um importante instrumento estético de compreensão do mundo e por que não dizer, de transformação? É claro que o teatro isoladamente é impotente perante qualquer transformação, mas pode despertar resultados sociopolíticos marcantes. Não é de se estranhar que vários artistas de teatro foram perseguidos durante a ditadura militar brasileira, por se tratar de um importante veículo de contestação da realidade social instituída.

O palco, segundo Peixoto (2003), seja qual for espaço de representação, estabelece em nível de razão e emoção, uma reflexão e um diálogo vivo e revelador com atores /plateia, que são os verdadeiros agentes dessa transformação social e que segundo Wekwerth apud Peixoto (2003), percebem essa realidade através do prazer de ver e fazer teatro. As plateias de teatro em geral comumente, são expectadores passivos da obra dramática. Quando tratamos de teatro que possibilite reflexões de aprendizagens, ressaltamos o caráter interativo da obra, não como uma fiscalização da plateia no palco, mas uma experiência significativa de sua apreciação.

Quando um existe um consenso de que todos aqueles que estão envolvidos no teatro devem ter liberdade pessoal para experienciar, isto inclui a platéia- cada membro da platéia deve ter uma experiência pessoal, não uma estimulação artificial, enquanto assiste a peça (Spolim, 2011, p. 12).

Brecht e Augusto Boal foram grandes inspirações teóricas e técnicas para o projeto Dandara, como estudos específicos de suas linguagens de Teatro Épico e Teatro do Oprimido, principalmente suas contribuições enquanto artistas preocupados

com uma arte engajada socialmente. Mas para compreendermos seus pensamentos é necessário compreendermos também suas estéticas teatrais. Para tanto, relacionamos tais contribuições com a prática de Teatro-Educação crítica e que visa uma contextualização social e uma dimensão transformadora dos sujeitos envolvidos no processo, assim como, suas realidades.

As formações do projeto Dandara tem no teatro do oprimido e no teatro épico seus principais eixos de formação em teatro-educação. As formações aconteciam de modo que o engajamento político perante as questões do racismo e a necessidade da luta antirracista marcavam a construção de uma construção estética própria do grupo. Quais elementos estéticos que atravessavam os estudantes? Que fatos de suas histórias pessoais eram trazidas para a roda e tornavam-se conteúdos de improvisação teatral e enraizamento de uma prática teatral engajada?

Bertolt Brecht e Augusto Boal nos proporcionam o melhor instrumento para realizar uma tal superação e métodos de reflexão e de trabalho artístico válido para todos aqueles que desejam um teatro engajado na realidade. Os dois artistas questionavam a eficácia da arte como um instrumento de mobilização político-social e como conduzir o campo de visão de teatro para o mundo atual e a crise social em que estão inseridas as classes populares.

Brecht (1957) lança a pedra de toque na contribuição de uma visão teatral crítica e catalisadora do movimento social artístico; podemos descrever o mundo atual, na medida somente em que o descrevemos como um mundo possível de modificações (p. 10). Para tanto, Brecht desenvolve a ideia de que o contar, no seu teatro épico, deveria aperfeiçoar o efeito de distanciamento que poderia ser feito com a música (coros e canções que comentam a ação, criticam-na, antecipam-na), provocando reflexões e não uma identificação que poderia funcionar de modo anestesiante. Outros recursos utilizados são cenários, legendas, vídeos, filmes, objeto de cena e, sobretudo, pelo trabalho do ator, que caminha na contramão de uma interpretação naturalista. O teatro brechtiano trabalha com a possibilidade de um simbolismo de segunda ordem, em que lança mão de “signos funcionais” de uma outra realidade, que é universal e refletida no particular.

Se fizermos uma transposição dessas ideias de Brecht para as concepções metodológicas de que o teatro-educação lança mão, percebemos relações diretas de

desvelamento crítico dessas realidades em que estão inseridos esses educandos. A arte pode vir a “descortinar”, através de seus elementos criticamente elaborados na perspectiva do teatro épico, o contexto social que esses estudantes vivem, num ato de espelhamento e reflexão crítica, inaugurando possibilidades de atuação frente a essas realidades, quase sempre injustas e degradantes da condição humana.

Já o teatro do oprimido de Augusto Boal, é considerado por ele, uma arte marcial a serviço desses descortinamentos das realidades sociais. Seu teatro, diferente do de Brecht é um teatro mais simples e como possibilidade de todos atuarem e fazerem teatro, segundo ele, o teatro pode ser feito, inclusivo por atores. Sua perspectiva metodológica do teatro do oprimido consiste em mostrar realidades, identificar opressões, oprimidos e opressores e pelo viés da representação teatral mudar, em primeiro plano simbolicamente, e depois reverberar tais reflexões do plano artístico para a vida real.

O teatro do oprimido de inspiração estético-crítica pondera que os sujeitos não devem ficar num estado letárgico perante uma acentuação das desigualdades sociais, que trazem consequências e práticas educacionais de semelhante inércia. Fazem-se necessárias a sistematização e a socialização de práticas eficazes de construção de plena cidadania, sabendo e tendo a consciência de que nosso papel não é fundante dessa transformação, mas é cooperativo perante tal transformação e colabora com esse processo. Brecht e Boal acreditavam nisso, nesse teatro mobilizador, estimulador da consciência social, como podemos perceber nesse pensamento de Brecht, citado por Fischer (1987);

Nosso teatro precisa estimular a avidez da inteligência e instruir o povo no prazer de mudar a realidade, nossas plateias precisam não apenas saber que Prometeu foi libertado, mas também precisam familiarizar-se com o prazer de libertá-lo. Nossa público precisa aprender a sentir no teatro toda a satisfação e a alegria experimentados pelo inventor e pelo descobrir todo o triunfo vivido pelo libertador (p. 14).

Os autores/artistas convocam as pessoas ao prazer de transformar suas realidades sociais opressivas, o que se evidencia como condição sine qua non para o trabalho com teatro em situações sociais conflitantes, como é o caso da perspectiva do racismo enfocado pelo presente estudo. Estes teóricos trabalham com o “duplo” que se instaura na cena teatral, por aperceber-se de que, nos processos catárticos,

como os do teatro naturalista, que envolvem identificação e personificação, haveria uma certa sonolência da consciência, mas que deve ser acordada da inércia social.

De acordo com Benjamin (1994), o teatro épico parte da tentativa de alterar fundamentalmente as relações funcionais entre palco e público. Para o público do teatro épico, o palco não se apresenta sob a forma de “tábuas que significam o mundo”, ou seja, um espaço de encantamento e sim como uma sala de exposição, disposta num ângulo favorável. Para seu palco, o público não é mais um agregado de cobaias hipnotizadas, e sim uma assembleia de pessoas interessadas, cujas existências ele precisa satisfazer.

É a partir das ideias acima citadas que percebemos a confluência na direção de uma prática de Teatro-Educação crítica e multirreferencial, pois busca desvelar as condições do racismo estrutural através de uma reflexão.

Então, esse processo crítico em teatro-educação consiste num desnudamento de situações “mascaradas” socialmente pelos racistas e que buscam incansavelmente manter uma hegemonia perante a branquitude e o racismo estrutural.

Tais ideias acerca trazem também uma nova possibilidade desses estudantes e futuros educadores perceberem que podem vir a mudar essa situação de injustiça e de castrações constantes nos seus essenciais direitos de cidadãos. Os elementos de uma ação dramática no teatro do projeto Dandara instigam a tomada de decisões, éticas, políticas e estéticas. As performances teatrais do Dandara propõem uma espécie de solicitação ao público, para que ele se decida, o que deve acontecer invariavelmente dentro de um contexto ético-social.

Os conhecimentos construídos a partir dessa prática em Teatro-Educação, possibilitam tanto esse desnudamento contextual como também mune os estudantes de instrumentos simbólicos para uma efetiva mudança na sua subjetividade, construindo-se enquanto sujeitos mais críticos culturalmente.

Na verdade, convém ressaltar que essa prática teatral de crianças e adolescentes, imersos numa cultura massificada e compensatória pode ou não comungar com uma pedagogia crítica e pode não trazer à tona a vida dos educandos, no processo de resgate de uma subjetividade e de uma cotidianidade ameaçada com

efeito esse pressuposto consiste no objeto central do trabalho teatral engajando e do Teatro-Educação crítico.

Entendemos o Teatro-Educação como uma linguagem, uma estética, um artefato social que situa atividade teatral no seio da cultura, vinculando-a à construção das subjetividades e das relações sociais, em especial, o racismo, que é tema central do projeto Dandara.

NARRATIVAS TEATRAIS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE CRIANÇAS

Através da arte-educação, podemos facilitar a relação do indivíduo consigo mesmo e com sua realidade empírica, preconizando saberes e metodologias que exercitem a habilidade individual de julgar e de formular proposições e significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. Torna-se, então, o limite da nossa consciência entre o “expressível” e o “sentido”, numa relação dialética entre o sentir e o pensar. Read (2001) ressalta esse posicionamento teórico quando diz que a arte-educação não é apenas uma educação artística, mas a educação de todos os modos de autoexpressão, literária e poética, que constitui uma abordagem integral da realidade que deveria ser chamada de educação estética, ou, segundo Duarte Jr. (2001), uma educação dos sentidos.

O trabalho pedagógico, nessa perspectiva, possibilita o contato com as histórias, a cultura e o contexto social em que brotam afetos, jogos e textos, criando assim redes de significados, onde o inconsciente vem fertilizar o trabalho dos sentidos com sua riqueza de imagens plenas de conteúdos reais e singulares (Linhares, 1999). O teatro vira espelho, e, virando espelho, o educador perpetua o que vê ou transforma as imagens pela intencionalidade da sua prática educativa.

O teatro é rito. E, sendo rito, é cultural. E, sendo cultural, é humano. Sendo cultural, rito e humano, sua proximidade com a educação é relevante, haja vista que a educação participa de rituais de aprendizagens, devendo sempre levar em consideração o ser humano e sua cultura. Então, como podemos relacionar teatro e educação?

Entendendo a arte, e em específico a linguagem teatral, alinhada a pressupostos formativos críticos na formação do educador que precisa deste trabalho

com os sentidos e os atravessamentos da realidade socioeducativa, questionamos: para qual educação? Para qual escola? Para qual e com qual currículo? Com qual arte e teatro?

Segundo Linhares (1999), há formas interessantes de concebermos esse trabalho dos sentidos, possibilitando um atravessamento de experiências formativas que ultrapassam a racionalidade técnica dos currículos dos cursos de Pedagogia, negando o corpo e a criatividade, a sensibilidade e a emoção.

Trabalhar com a arte, diferentemente do simbolismo discursivo expresso no texto escrito, objetivando tocar nas esferas da psique humana, é alcançar, segundo Linhares (1999), uma formação de educadores com as várias formas expressivas (dramática, plástica, cênica, literária). Aí reside um campo fértil onde se dará o trabalho dos “sentidos”, pois “o caminho da sensibilidade e todo o campo de trabalho com o simbólico é sonegando em nome de uma necessidade de se ensinar um ‘prático’ e ‘didático’ que na verdade é limite” (Linhares, 1999, p. 42).

Segundo Fischer (1987), a arte tem uma função mágica de transformação da subjetividade do ser, num processo mágico, com uma profunda plenitude racional atrelada a essa magia. Contudo, não podemos esquecer que a arte é também, por si, elemento de intensa educação estética. Assumir uma limitada função de instrumento social reduz suas possibilidades de atuação perante o ser humano.

Percebemos, então, numa perspectiva sociocultural, o quanto importante é a arte nesse processo de constituição e de “descortinamento” de uma dada realidade social, expressando não apenas de forma mágica a realidade, mas também contribuindo para a constituição dessa realidade.

As qualidades revolucionárias da arte e do teatro baseiam-se nas dimensões em que a arte transcende a sua determinação social e se emancipa a partir do universo real do discurso e do comportamento. Assim, a arte cria o mundo em que a subversão da experiência da própria arte se torna possível. No *Projeto Dandara: narrativas antirracistas*, o primeiro momento formativo são jogos teatrais para o conhecimento de si e de suas percepções sobre a sociedade. Através da arte e do teatro, somos levados a identificar e descortinar nossas histórias de vida e nossa inserção no mundo: conhece-te a ti mesmo para transformar o mundo. O teatro constitui uma poética/linguagem estética que evolui há milhares de anos. No

compasso das transformações sociais, ele vai transformando-se e recriando-se, à medida que o homem e a sociedade também entram nessa “roda viva”. Escrever sobre teatro é também escrever sobre o homem e sua trajetória em busca de si e do mundo.

O teatro-educação também caminha em outra direção, em relação ao teatro instrumental, que consiste numa formação de instrumento ou ferramenta pedagógica na educação. Mas o teatro-educação vai além dessa abordagem instrumental que defende a presença do teatro em situações de aprendizagem, seja na escola, seja em outros espaços educacionais. O teatro e as artes em geral, numa abordagem essencialista, são concebidos como linguagens, como um conjunto de linguagens semióticas de representação, especificamente humana. Tal abordagem essencialista defende que não é necessário esclarecer determinados objetivos para a atuação artística, pois a arte educa a si mesma, ela não é um meio, e sim um fim em si mesma.

Já Richard Courtney (1980, p. 27) assinala o teatro-educação como uma importante estratégia social na formação humana:

a imaginação dramática capacita a criança (e o adulto, de outra maneira) a ver a relação entre ideias e sua mútua interação. E que, através da personificação e identificação, a criança pode compreender e aprender o mundo que a rodeia. Dessa maneira. É importante que ela possa se expressar através do movimento criativo e do discurso e linguagens espontâneas, e também que use estes na identificação, para relacionar-se com o seu meio.

O teatro-educação traz grandes contribuições para os processos de aprendizagem. As experiências vivenciadas pelos educandos através do teatro são um aprendizado estético e tornam-se um momento integrador no processo educativo. A transposição simbólica da experiência assume, no objeto estético, a qualidade de uma nova experiência. As formas estéticas integradoras tornam concretas e manifestas as experiências, desenvolvendo novas percepções a partir da construção da forma artística. O aprendizado artístico é transformado em processo de produção do conhecimento.

A opção de escolha da arte e do teatro para combater o racismo a partir das realidades que chegam da educação básica no Curso de Pedagogia, principal *locus* de formação dos educadores das crianças, é uma opção ética, estética e política. O projeto de extensão que forma esteticamente tais estudantes, participantes

do projeto, reverbera nas escolas públicas de Fortaleza e no próprio Curso de Pedagogia.

A seguir, iremos conhecer as bases metodológicas e os processos formativos dos bolsistas/estudantes do *Projeto Dandara: narrativas teatrais antirracistas*.

DANDARA: NARRATIVAS TEATRAIS ANTIRRACISTAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE CRIANÇAS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A metodologia contemplada nesta pesquisa foi de natureza qualitativa e tipo participante, sendo realizada uma pesquisa de campo com uma investigação exploratória no Projeto de Extensão *Dandara: narrativas teatrais antirracistas* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, entre os anos de 2020 e 2025. Os procedimentos de produção de dados contaram com entrevistas, diário de campo e registros fotográficos e audiovisuais. A análise de dados será a partir de três categorias: a) a importância do Projeto Dandara na formação e no letramento racial de estudantes do Curso de Pedagogia; b) as reverberações nas práticas pedagógicas com crianças; c) as estratégias e metodologias formativas em teatro para uma educação antirracista de educadoras de crianças.

As atrizes/sujeitos da pesquisa são 4 estudantes/docentes que atuam e/ou atuaram no projeto desde o início em 2020. Usaremos termos fictícios para as atrizes: a) Tayól – atua na rede pública municipal, na educação infantil, há 2 anos e foi bolsista durante 3 anos no projeto; b) Oxum – bolsista do projeto durante dois anos e atualmente é, há 3 anos, docente da rede municipal de ensino; c) Ossain – bolsista voluntária do projeto há 1 ano e é concludente da graduação; d) Benguela – estudante de teatro-licenciatura, bolsista há 2 anos no projeto, graduanda.

O Projeto Dandara nasce a partir de demandas observadas nas práticas pedagógicas em instituições escolares onde o racismo é cada vez mais presente, causando grande impacto na formação de nossas crianças. A arte-educação, a partir da linguagem teatral, insere-se nessa luta antirracista e com vistas a desenvolver práticas de sensibilização, combate ao racismo e de formação de plateias para a primeira infância e para os futuros educadores, estudantes do Curso de Pedagogia da

UFC desde 2020. Não podemos esperar que a lei se faça concreta, como diz a educadora Bárbara Carine Pinheiro (2023, p. 82):

você, professor antirracista, não deve abordar em sala de aula a cultura africana, afro-brasileira e indígena pela obrigatoriedade legal, mas sim pela consciência de reparação histórica. Entretanto, a lei é importante, pois, onde a consciência não chega, a obrigatoriedade legal age.

Nosso *locus* principal de atuação é a brinquedoteca da FACED, escolas públicas municipais, equipamentos culturais e eventos em educação. Desde 2020 já tivemos cerca de 30 bolsistas, entre bolsistas remunerados e voluntários. Também produzimos conteúdos para redes sociais, como Instagram (proj.dandara.ufc) e YouTube (Projeto Dandara UFC). Tal projeto tem duas frentes. A primeira é a construção de espetáculos teatrais que tenham uma dramaturgia antirracista para a primeira infância com bolsistas remunerados e voluntários do Curso de Pedagogia e de outras licenciaturas, como Música e Teatro. A segunda são formações em teatro e suas técnicas, como ampliação de repertórios e formação estética, além de estudos teóricos sobre literatura infantil afrorreferenciada e teorias antirracistas, em uma perspectiva de letramento racial. Destaca-se também a técnica de contação de histórias para professores da rede municipal de ensino, atrelada à temática “literatura infantil e racismo”. O projeto tem como objetivos: construir um espetáculo cênico abordando a temática do racismo para o público infantil; desenvolver uma formação em teatro-educação para alunos do Curso de Pedagogia e para professores da rede municipal de ensino e abordar e estruturar práticas educativas antirracistas a partir da educação através da arte; socializar práticas educativas antirracistas na comunidade acadêmica da UFC por meio de apresentações artísticas e redes sociais e conceber e pesquisar estéticas e linguagens inovadoras no teatro-educação para a formação de educadores mais atuantes e sensíveis às demandas sociais.

Nesse sentido, o projeto busca criar novas estéticas e narrativas de educação, novas pedagogias, que deem conta de incluir a diversidade de seres, saberes e conhecimentos inscritos na comunidade, uma pedagogia que credibilize diferentes formas de saber, como os saberes ancestrais e a cosmovisão africana. Para Rufino (2019, p 12), conhecimento é poder e “a problemática do conhecimento é fundamentalmente étnico-racial”. Há aí uma estética contracolonial e uma ética

perante o mundo. O Dandara reivindica novas pedagogias como possibilidade de novas formas de existência, que legitimem e valorizem outras estéticas, como a sapiência de vida, as sabedorias ancestrais, outras gramáticas e o saber corporal.

A pedagogia como a reivindico comprehende-se como um complexo de experiências, práticas, invenções e movimentos que enredam presenças e conhecimentos múltiplos, e se debruça sobre a problemática humana e suas formas de interação com o meio. É nessa perspectiva que a educação, fenômeno humano implicado entre vida, arte e conhecimento, torna-se uma problemática pedagógica (Rufino, 2019, p. 274).

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DANDARA NA FORMAÇÃO E NO LETRAMENTO RACIAL DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA

A ideia de uma formação integrada de saberes para uma formação antirracista é a essência do Projeto Dandara. Preconizamos, desde a concepção do grupo, uma dinâmica formativa que iria oferecer novas práticas, assentadas no indivíduo e na sua integralidade, mas também na arte, na cultura, na ética e na estética, entendendo o educador na sua integralidade, um encantamento, como sugerem Simas e Rufino (2020). A noção de encantamento traz o princípio da integração entre o visível e o invisível, a materialidade e a espiritualidade, a conexão de diversos espaços-tempos. Tal encantamento não anestesia o indivíduo, pelo contrário, traz a força da magia para um plano utópico e real.

A partir da questão “qual a importância do projeto Dandara para sua formação como educadora antirracista?”, obtivemos as seguintes respostas:

participar do Projeto Dandara foi uma das experiências mais significativas e transformadoras que vivi dentro da universidade. Essa vivência me levou a refletir profundamente sobre questões de preconceito, crenças e práticas sociais que, muitas vezes, estão naturalizadas em nosso cotidiano. Por meio dos textos estudados no projeto, tive contato com autores e autoras cujas obras ampliaram meu repertório e contribuíram de forma decisiva para a construção da minha formação antirracista. Hoje consigo ter um olhar mais sensível e crítico, capaz de identificar situações de racismo e exclusão, e de atuar para desconstruí-las. O Projeto Dandara também foi essencial para o fortalecimento da minha identidade. Compreendi, de forma ainda mais profunda, o que significa ser uma mulher negra e potente (Tayol).

Ao entrar no projeto Dandara, iniciei meu letramento racial, pois comecei a ler histórias de relações étnico-raciais, algo que é escasso dentro da faculdade. Aprendi muito sobre minha ancestralidade com a leitura dos livros

que lemos em nossos encontros (infantis, juvenis, etc.) e também pude me expressar mais através da arte (Ossain).

Eu, como mulher negra que sempre enfrentou o racismo ao longo da vida, cresci carregando um sentimento de inferioridade que, por muito tempo, não sabia explicar de onde vinha. Quando ingressei na faculdade de Pedagogia e tive contato com disciplinas como Sociologia e Filosofia, percebi algo curioso: mesmo estudando conceitos tão importantes para a humanidade, ainda não conseguia me enxergar naquilo que lia. Foi com o Projeto Dandara que essa realidade começou a mudar. Desde os primeiros textos, pude me reconhecer e compreender melhor a minha trajetória. Essa experiência foi um verdadeiro divisor de águas. Através das leituras e palestras oferecidas pelo projeto, avancei nos estudos antirracistas e descobri a potência de me ver representada em autoras negras como Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Neuma Sousa, entre tantas outras. Esse encontro tem sido libertador — e digo “tem sido” porque o racismo ainda deixa marcas profundas, difíceis de curar... (Oxum).

A partir das falas das participantes dos projetos, percebemos a importância da formação que tiveram e a reverberação desta na sua prática pedagógica com as crianças e na sua vida pessoal. Notamos uma formação nas palavras das entrevistadas atravessadas pelos saberes e conhecimentos até então não conhecidos acerca de autores negros que trazem essa representatividade. Elas falam sobre acesso; acesso negado historicamente. Elas, porém, romperam e quebraram essas barreiras pela oportunidade de um letramento racial oportunizado pelo projeto.

A minha participação no Projeto Dandara me fez compreender que ser antirracista não significa apenas denunciar o racismo, mas, criar estratégias pedagógicas que fortaleçam a autoestima, a representatividade e a potência de crianças, jovens e adultos. O projeto me ensinou que educar de forma antirracista é um exercício diário de construção coletiva (Benguela)

Segundo Ribeiro (2019), há um epistemicídio e apagamento de autores e teorias provenientes das culturas negras. Há uma representação branca na mídia, nos livros infantis, na construção de nossas subjetividades desde criança. Não dá para fugir dessa subjetivação, a não ser pelo viés de ações antirracistas nas escolas. Tal prática deve começar desde a formação de nossos educadores, reverberando como um dominó armado que cai um por um nos rituais cotidianos da nossa sociedade.

REVERBERAÇÕES NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS

No Projeto Dandara, um dos objetivos é a ampliação dos repertórios em relação à literatura infantil negra, especialmente na perspectiva do afroletramento, uma porta de entrada para uma discussão que promova a reflexão e o diálogo na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. O letramento racial parte do entendimento de que a alfabetização vai além da simples capacidade de ler e escrever, reconhecendo que o processo de letramento envolve o desenvolvimento de habilidades críticas de análise e reflexão sobre questões relacionadas à raça e à identidade racial. O letramento racial crítico torna-se uma ferramenta poderosa para combater preconceitos e promover o respeito e a valorização das diferenças raciais a partir do contexto educativo. Neste ínterim, o acesso a obras literárias que retratem a cultura de matriz afro-brasileira e à produção de escritores e escritoras negras traz uma importante ampliação de repertórios estéticos, éticos e políticos, nos quais entendemos que a subjetivação dos sujeitos vai se construindo. Assim ressalta Oxum nas reverberações de sua prática pedagógica com as crianças da educação infantil:

mesmo não estando mais presente no projeto, o Dandara permanece em mim, reverberando no meu fazer pedagógico. Hoje, trabalhando com crianças de 4 e 5 anos, levo para dentro da sala de aula a valorização da cultura negra. Conto histórias de reis e rainhas africanos, apresento a beleza das crianças negras, suas brincadeiras, músicas e expressões culturais. Não é necessário falar diretamente sobre o racismo nessa faixa etária, mas é essencial oferecer referências positivas e belas, para que as crianças negras possam se reconhecer e as crianças brancas possam aprender a admirar. Faço isso porque sei, pela minha própria experiência, o quanto a ausência dessas referências na infância gera silenciamentos e lacunas que marcam profundamente. É justamente essa realidade que me move a transformar o espaço escolar em um ambiente de reconhecimento, valorização e pertencimento (Oxum).

A partir da fala de Oxum, percebemos como o afeto é transgressor e transforma pelo viés da representatividade, do se reconhecer e reconhecer-se como um ato de ancestralidade que dá significado às práticas educativas das educadoras pesquisadas. Daí a importância do contato com obras que trazem uma representatividade negra e que espelham a beleza e a potência do ato educativo. bell hooks (2013) reitera que a prática pedagógica deve ser entendida como um ato de amor e de escuta atenta. A autora afirma que “ensinar é sempre uma forma de

intervenção no mundo” (bell hooks, 2013, p. 30) e que uma educação libertadora deve considerar os afetos como parte inseparável do processo de aprendizagem. No contexto da primeira infância, onde o vínculo com o outro é essencial para a construção de si, a leitura literária torna-se um canal potente de encontro e afetação, pois ela cria possibilidades para um espaço simbólico em que a criança e o educador, o texto e o mediador (educador, família ou outro leitor), se encontrem não apenas pelo conteúdo da narrativa, mas pela **experiência sensível** e atravessadora que essa narrativa provoca.

Narrar minha primeira história “O Mundo no Black Power de Tayol” foi um momento marcante, que me fez refletir sobre a necessidade de uma educação antirracista que permita às crianças se identificarem com seus ancestrais, reconhecendo-se e valorizando-se como realmente são. Ao contar a história Meu Crespo é de Rainha da bell hooks, reafirmei a certeza de que é possível e necessário lutar diariamente por uma educação antirracista, em que meninas negras sejam valorizadas e compreendam que também podem ser rainhas (Tayol).

Concordando com Tayol, Regina Machado (2004) ressalta que a escuta de histórias, e não qualquer história, seja compreendida como uma forma de experiência estética que mobiliza o sensível, o imaginário e o simbólico. Para ela, “contar histórias é acordar sentidos adormecidos” (Regina Machado, 2004, p. 78), despertando não apenas a atenção da criança, mas também sua capacidade de sentir e elaborar o mundo por meio da linguagem poética. A poética age nos sentidos que nos atravessam para os sentidos de ser e estar no mundo. Que mundo vemos a partir das poéticas das resistências da literatura infantil negra?

ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS FORMATIVAS EM TEATRO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DE EDUCADORAS DE CRIANÇAS

Segundo Simas e Rufino (2020), o contrário da vida não é a morte, mas o desencantamento. Por isso, entendemos que a formação docente deve se configurar como processos internos, subjetivos e pessoais carregados de expressão, afetividade e significados, além de um processo que preconiza o ser como um todo, nos seus aspectos motores, afetivos, sociais, estéticos e cognitivos. Tais pressupostos reiteram a fala de Benguela:

um dos principais processos que contribuíram para minha formação foi o trabalho com a oralidade e a contação de histórias. É muito importante pois mantém vivo aquilo que nossos ancestrais nos deixaram, além de resgatar narrativas afro-brasileiras, africanas e indígenas é fundamental para valorizar tradições, ritos e saberes que foram historicamente silenciados. Ao trazer histórias que celebram os cabelos crespos e cacheados, a cor da pele e a diversidade das culturas negras (Benguela).

Outro ponto essencial são os momentos de escuta e acolhimento nos encontros do projeto. Esses momentos não só me formaram enquanto educadora antirracista, mas também me ensinaram a me olhar com mais amor, carinho e respeito.

Leituras e os debates de livros e artigos foram fundamentais para ampliar o meu repertório teórico, aprofundar reflexões e fortalecer práticas pedagógicas.

Concordando com essa dimensão integralizada da formação, vários autores defendem essa dimensão encantada, lúdica e estética nos processos formativos. A metodologia formativa do Dandara é desenhada a partir desses pressupostos com oficinas a partir do teatro-educação que devem mobilizar esses significados na dimensão de uma estética marcial, como nos fala Augusto Boal. Esta estética marcial foi configurada metodologicamente ao longo de 5 anos com oficinas de capoeira, percussão corporal, jogos teatrais, teatro do oprimido, maracatu cearense, instrumentos africanos, objetos cênicos e cenografia. Tais oficinas foram cruciais para esta dimensão instrumental e técnica, mas também para a ampliação de seus repertórios imagéticos, musicais e corporais, tão essenciais para a formação do educador de crianças, como se reitera nas falas a seguir:

além disso, o projeto me possibilitou, através das dramatizações, assumir o papel de contadora de histórias, valorizando a cultura afro-brasileira e a diversidade cultural por meio de contos infantis. Essa experiência trouxe reflexões importantes sobre a literatura de autores negros, que deve ser reconhecida, valorizada e inserida no cotidiano das crianças, e não apenas lembrada em datas comemorativas. Também aprendi, durante as oficinas, a confeccionar objetos cênicos, como a boneca Abayomi, fortalecendo a ligação entre arte, cultura e identidade. Outra contribuição importante do projeto foi a oportunidade de conhecer espaços culturais, como museus e teatros, experiências que ampliaram meu olhar para o papel da arte na formação humana. Ser contadora de histórias me consolidou como educadora, referência de mudança e exemplo para os alunos (Tayol).

Ademais, hoje sou uma educadora antirracista e, diante das minhas aprendizagens dentro do projeto Dandara, sei que posso promover o letramento racial através da contação de histórias, da literatura infantil e também estarei trabalhando a oralidade, por meio da arte (dança, canto, teatro) (Ossain).

Portanto, o teatro que o Dandara desenvolve traz uma importante contribuição no desvelamento das realidades sociais nas quais estão inseridos os estudantes/professores/atores e um chamado à ação. O trabalho artístico do Dandara traz a possibilidade de preparar os educadores para iniciativas de ordem social através da arte e do letramento racial. O processo de construção dessa formação desenvolve valores e habilidades que liberam o potencial criativo, a capacidade crítica e a organização dos educadores de crianças para atuarem/intervirem em suas práticas educativas. Estabelece-se uma verdadeira práxis social, em que os saberes e habilidades de dada formação pedagógica são transformados dialeticamente em ações mobilizadoras perante uma sociedade racista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Projeto Dandara: narrativas teatrais antirracistas*, de inspiração estético-crítica, nasce a partir das demandas surgidas nas incursões de estudantes e docentes nas turmas de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental: Séries Iniciais vivenciando situações de racismo. O projeto Dandara acredita que os sujeitos não devem ficar num estado letárgico perante uma acentuação das desigualdades sociais, que trazem consequências e práticas educacionais de semelhante inércia. Diante de tais contextos e demandas, fazem-se necessárias a sistematização e a socialização de práticas antirracistas eficazes no combate ao racismo, bem como a construção de plena cidadania, sabendo e tendo a consciência de que nosso papel é parte dessa transformação.

Foi necessário desaprender muitas coisas para aprender outras como processo de reconstrução mesmo de subjetividades e anulamentos ao longo da vida de cada participante do projeto, retomando a potência de ser mais, de ser aprendente dia após dia, em uma luta que se faz necessária em uma sociedade racista. Desaprender, porém, é doloroso, mas também transformador, como diz Paulo Freire (1989) e bell hooks (2013) em diálogo. A prática do amor é o antídoto mais poderoso

contra as políticas de dominação e opressão, e a educação que transforma, com esse amor, a si próprio e ao outro é a mola mestra na transformação social, tendo a educação como um ato de amor e coragem. Rufino (2019, p. 19) nos afirma esse ato de desaprender para aprender:

para que a desaprendizagem não seja entendida como uma anulação da experiência é necessário credibilizar o que aprendemos de maneira processual e não em uma lógica acumulativa. Esse processo, permeado de conflito, proporciona a crítica, a inovação da dúvida, a disponibilidade para o diálogo e o reconhecimento do caráter inconcluso dos seres e do mundo. A educação como parte de uma aprendizagem das coisas do mundo permite um contínuo refazer de si - autônomo, livre e em permanente afetação pelo outro.

Desaprender em um processo de formação inicial e profissional? Sim, e entender tais contextos e demandas, e vislumbrar ações formativas de letramento racial através do teatro-educação dentro de um curso de Pedagogia é uma grande possibilidade de ampliar a formação inicial/profissional destas estudantes que estarão atuando na educação básica e construindo práticas antirracistas advindas de um letramento racial que a formação dos currículos do Curso de Pedagogia não dá conta.

Ressaltamos o pensamento de bell hooks (2013), ao reforçar que a constituição do sujeito está ligada ao modo como somos vistos, nomeados e escutados, defendendo uma educação que afirme a subjetividade dos aprendentes e que acolha suas experiências com respeito e afeto. Ao problematizar o silenciamento de vozes negras infantis e adultas marginalizadas, bell hooks (2013) propõe uma prática pedagógica que reconheça a palavra do educador e a da criança como legítimas e potentes, tornando-os protagonistas de suas próprias histórias e dialogando com sua ancestralidade. Nesse contexto, a arte e o teatro aparecem como uma via privilegiada para dar lugar e voz à infância e à docência, “quando criamos espaços onde todos podem falar e ser ouvidos, abrimos caminhos para a subjetividade florescer”

(hooks, 2013, p. 89). Tais subjetividades devem florescer de forma a contemplar a beleza da estética negra, mas também a potência vital da luta antirracista, que deve ser a tônica da formação do educador de crianças.

Por fim, reiteramos os atravessamentos que o Projeto Dandara oportuniza na formação de educadores e que reverberam na educação das crianças, seja na

apresentação nas escolas públicas, formando plateias e realizando apresentações artísticas que trazem a potência da estética de matriz afro-brasileira, seja na formação de artistas/educadores que desenvolvem seu letramento racial pelo viés da arte e de saberes plurais, reverberando no chão da sala de aula a necessária luta antirracista.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I- Magia, Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BISPO, Nego. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora, 2023.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Lisboa: 1957
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2024.
- COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro e pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- DUARTE JÚNIOR, Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2003.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Editora, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, São Paulo: Paz e terra, 1989.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LICÁL, Márcia (org.). **Infâncias e leituras-presenças negras e indígenas na literatura infantil**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2024.
- LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre arte e educação**. Porto Alegre: Ed. Unijuí, 1999.
- MACHADO, Regina. **Alfabetização, literatura e formação do leitor**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1996. Disponível em:

https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_OrigemEHistoricoDoQuilomboNaAfrica.pdf.
Acesso em: 25 jul. 2025.

NASCIMENTO, Abdias. **Combate ao racismo**: discursos e projetos. 6. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1983.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro? São Paulo**: editora brasiliense, 2003

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

READ, Herbert. **A educação através da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIMAS, Luis Antonio; RUFINO, Luis. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.